

Usuários da informação com altas habilidades/superrotação:

Uma comunidade discursiva convergente e divergente

André Luís Onório Coneglian

Como citar: CONEGLIAN, A. L. O. Usuários da informação com altas habilidades/superrotação: uma comunidade discursiva convergente e divergente. *In:* CASARIN, H. de C. S. (org.) **Usuários da Informação e Diversidade**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2021. p. 77-112. DOI: <https://doi.org/10.36311/2021.978-65-5954-148-5.p77-112>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Capítulo 3

André Luís Onório Coneglian

USUÁRIOS DA INFORMAÇÃO COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO: UMA COMUNIDADE DISCURSIVA CONVERGENTE E DIVERGENTE

1 INTRODUÇÃO

A superdotação deveria ser tema comum na Educação e na Psicologia, em ambas de modo especial, mas não apenas. O verbo conjugado no futuro do pretérito do indicativo – “deveria” – todavia, indica que não é o que ocorre nas duas áreas citadas e em outras áreas, que poderiam contribuir para a compreensão do fenômeno.

No âmbito da Educação são poucos os envolvidos com a temática, se comparados ao universo de pesquisadores da área, que se dedicam em outras frentes de estudos e pesquisas. Na Psicologia, o escopo da superdotação também encontra-se relegado há poucos estudiosos. O que pode justificar a ausência da temática nas áreas afins e outras (OLIVEIRA; BARBOSA; ALENCAR, 2017).

Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 2013), os alunos com altas habilidades/superdotação configuram o público-alvo da Educação Especial, onde se lê: “Art. 58. Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação”.

Dentro da especificidade da Educação Especial, grande parte das políticas públicas contemplam alunos com deficiências e transtornos, relegando aos educandos com altas habilidades/superdotação uma

incômoda invisibilidade (PÉREZ, 2004; MARTINS; PEDRO; OGEDA, 2016). Tais atitudes, ainda que não realizadas de modo consciente, para além da invisibilidade, criam mitos e preconceitos de que são alunos de sucesso e, portanto, concluir equivocadamente que não precisam de atendimento educacional especializado ou outras políticas educacionais, sociais e psicológicas.

Os dados do INEP referentes à matrícula de alunos com altas habilidades/superdotação na Educação Básica, no último relatório do Censo Escolar (BRASIL, 2019a) temos: 15.751 (2016), 19.451 (2017) e 22.161 (2018). Com relação às matrículas dos alunos superdotados no Ensino Superior (BRASIL, 2019b) temos: 1.202 (2016), 1.067 (2017) e 1.486 (2018).

Nas bases de dados consultadas – BRAPCI¹, Scielo² e Athena³ – encontramos os seguintes resultados: 46 artigos com os descritores “superdotação” e “educação” (Scielo) e 372 (Athena) entre artigos, livros, teses e dissertações; 17 artigos ao utilizar “superdotação” e “psicologia” (Scielo) e 149 (Athena) juntando artigos, livros, teses e dissertações.

Oliveira, Rodrigues e Capellini (2020, p. 4) apontam a produção de cinco dissertações de mestrado e duas teses de doutorado, entre os anos de 2011 a 2017 em cinco universidades brasileiras, sendo quatro federais e uma estadual do Paraná, nos Programas de Pós-graduação de Educação (5), Educação Especial (1) e Psicologia (1).

Na BRAPCI, os termos “superdotação *and* biblioteca” ou “superdotação *and* Ciência da Informação”, ou ainda “altas habilidades *and* biblioteca” ou “altas habilidades *and* Ciência da Informação” não houve nenhum resultado.

Pedro (2016) e Pedro e Chacon (2017a, 2017b) apresentam pesquisas que relacionam alunos que apresentam precocidade e/ou comportamentos superdotados com competências digitais, com foco no uso da internet ou Tecnologias Digitais de Comunicação e Informação (TDCI). A produção de 2016 refere-se à tese de doutoramento da autora

¹ Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/>

² Disponível em: <https://www.scielo.br/>

³ Disponível em: https://unesp.primo.exlibrisgroup.com/discovery/search?vid=55U-NESP_INST:UNESP

no Programa de Pós-graduação em Educação e os artigos são derivados da tese.

[...] acreditamos que as TDIC são valiosas ferramentas intelectuais para enriquecimento de estudantes PCD [precoces e/ou com comportamento dotado]. No entanto, é necessário identificar as habilidades que são específicas destes estudantes e aquelas que são comuns a todos os nativos digitais para que possamos orientá-los e ajudá-los a desenvolver competências digitais. Sendo assim, o objetivo deste estudo é verificar se estudantes com e sem PCD apresentam competências digitais relacionadas ao tratamento da informação (PEDRO; CHACON, 2017b, n. p.).

Desse modo, é com imensa satisfação que apresento este capítulo sobre usuários com altas habilidades/superdotação, para a comunidade científica da Ciência da Informação, especialmente, no campo voltado aos Estudos de Usuários. A seção seguinte apresenta conceitos e características dos sujeitos com altas habilidades/superdotação, para uma compreensão mais geral do fenômeno.

Posteriormente, superdotados adultos participantes dessa pesquisa, questionados sobre o uso que fizeram/fazem da informação na graduação ou pós-graduação, materializam em suas respostas comportamentos que os configuram como uma comunidade discursiva convergente e divergente.

Convergente, no aspecto psicológico, de funcionamento cognitivo e certos comportamentos, os aproximando, pois todos os participantes são superdotados. Divergente no aspecto da amplitude das áreas e atividades em que estão envolvidos, portanto, participantes de diferentes comunidades usuárias de informação. Neste capítulo, apresentamos as características dos aspectos convergentes, ainda que seja necessário destacar alguns aspectos divergentes.

2 ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO: CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS

Para discutir a invisibilidade da superdotação, tomarei como exemplo a deficiência auditiva, a qual é considerada uma deficiência

invisível, se comparada às demais deficiências: física, intelectual e visual.

Uma pessoa cadeirante ou sem pernas ou braços é vista e percebida no ambiente; as pessoas em geral percebem uma pessoa cega quando essas utilizam a bengala, especialmente. Uma pessoa com deficiência intelectual ou com transtorno do espectro autista podem ser distinguidas por determinados comportamentos.

A deficiência auditiva, diferentemente, seja pelo uso do(s) aparelho(s) de amplificação sonora individual (AASI) – intra-auricular ou retro-auricular, seja pelo uso da Língua de Sinais para se comunicar, é uma deficiência imperceptível somente pela observação. O uso da Língua de Sinais numa conversação entre duas ou mais pessoas não garante que todas sejam surdas, pode ter uma ou mais pessoas ouvintes nesse grupo.

No longa-metragem “Querido Frankie” (2004), o personagem principal é um garoto com deficiência auditiva e, numa cena, Frankie entra numa biblioteca pública. A mulher responsável pelo local dirige-lhe a palavra, porém, Frankie não a ouve e segue biblioteca adentro. A senhora vai apressada atrás dele, proferindo muitas palavras, dizendo inclusive que pode estar “cabulando” a aula. Quando o alcança e bate sua mão no ombro do menino, ele se vir e coloca o AASI. Só então, a senhora percebe que se trata de um menino com deficiência auditiva.

Desse modo, os sujeitos em idade escolar, que apresentam comportamentos de altas habilidades/superdotação não são conhecidos, pois, primeiro: não foram identificados como superdotados; segundo: mesmo identificados, não é uma diferença física e, mesmo que seja uma diferença de comportamento relacionada à inteligência, cognição, emoção, não tem uma etiqueta ou rótulo “sou superdotado” (e nem deve existir o rótulo pelo rótulo).

Quando as características da Superdotação não é conhecida pelos professores, eles não poderão identificar os alunos superdotados. Sem a identificação não terão atendimento educacional especializado, ocasionando uma acomodação do aluno ou uma irritação com comportamentos de indisciplina e, dependendo, do nível de escolaridade, evasão escolar.

Altas habilidades/superdotação é um fenômeno subjetivo, interno, não observável a olho nu. É um fenômeno que se manifestará essencialmente no ambiente familiar, escolar e social, quando o comportamento da criança

começa a se diferenciar ou se distanciar qualitativamente de um padrão esperado para a idade.

No Brasil são utilizados os termos “altas habilidades/superdotação”, separados pela barra, com o entendimento de que se trata do mesmo fenômeno; e também “altas habilidades ou superdotação”, como consta na LDB (BRASIL, 2013). O uso da conjunção alternativa representa o entendimento de que são fenômenos distintos, sendo altas habilidades aquela que o sujeito manifestará em ambiente escolar/acadêmico, ou seja, demonstrará habilidades acima da média em relação aos demais alunos, nesta ou naquelas disciplinas: Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia, Ciência, Artes.

A superdotação, na linha de raciocínio que entende como fenômenos distintos, compreenderia aquele sujeito que manifesta um alto conhecimento ou habilidade sem passar por um processo formal de Educação. Por exemplo, há sujeitos que nunca frequentaram aulas de Inglês ou outra língua estrangeira, porém, apresentam facilidade na leitura, escrita e fala do idioma, somados a outros indicadores e características da superdotação. Neste capítulo, utilizarei “altas habilidades/superdotação” ou “superdotados” abrangendo todo o fenômeno, seja ele evidenciado nos espaços acadêmicos/escolares ou em outros ambientes.

Na Língua Inglesa utilizam os termos “*gifted*” para designar a pessoa, e “*giftedness*” para o fenômeno. Também utilizam “*talented children*” (crianças talentosas). Em Portugal utilizam “sobredotação” e “sobredotados”. Na Língua Espanhola utilizam “*altas capacidades*” e “*superdotación*”.

O uso incorreto e inadequado dos termos “gênio”, “prodígio” ou “precoce” como sinônimos para superdotados compreende um dos mitos acerca das altas habilidades/superdotação, o que prejudica a compreensão do fenômeno.

Pode-se classificar como “gênio” a pessoa, cuja criação ou criações, contribuíram ou permaneceram de modo relevante para toda a humanidade ou grande parte dela. Por exemplo: Leonardo da Vinci, com destaque em todas as áreas que se dedicou: artes, arquitetura, “engenharia”, medicina, outras. Thomas Edson, tido como o inventor da luz elétrica, porém, com contribuições de tantos outros inventores anteriores ou contemporâneos a ele. Alberto Santos Dumont, conhecido como inventor do avião, também

criou outros objetos como o relógio de pulso. Marie Curie, ganhadora do Prêmio Nobel de Física (1903) e do Prêmio Nobel de Química (1911), toda a vida dedicada a atividades radioativas – morreu aos 66 anos de idade, suas descobertas revolucionaram o mundo: a bomba atômica e a radiografia, por exemplo.

Segundo Virgolim (2007, p. 24), baseada em Feldman *et al.* (1991) e Morelock e Feldman (2000), o termo “prodígio” “é utilizado para designar a criança precoce que apresenta um alto desempenho, ao nível de um profissional adulto, em algum campo cognitivo específico”. Ele se difere da superdotação, no sentido de que a criança prodígio não apresenta alto desempenho na inteligência geral.

A criança prodígio em Artes, por exemplo, se destacará nessa área com excelência, porém, o funcionamento cerebral não terá o mesmo destaque em Línguas ou Matemática. Uma criança superdotada que se destaca em Línguas, pode não ter o mesmo desempenho em Artes ou Matemática, entretanto, tem recursos cerebrais e uma capacidade de processamento para adquirir dados, organizar informações e ressignificá-los como conhecimento útil, de modo muito rápido, especialmente se for do interesse da criança, típico comportamento do indivíduo superdotado.

A “precocidade” pode estar presente em algumas áreas do desenvolvimento de muitas crianças, entretanto, nem toda criança precoce apresentará os comportamentos de superdotação ao longo da vida. O comportamento precoce poderá se estabilizar permanecendo na média conforme a criança se desenvolve. Pode estar relacionada ainda com o assincronismo, que será citado nas próximas páginas.

A definição dos alunos que apresentam altas habilidades/superdotação, conforme Resolução N°. 4, do Conselho Nacional de Educação, são aqueles que “[...] apresentam potencial elevado e grande envolvimento com as áreas do conhecimento humano, isoladas ou combinadas: intelectual, liderança, psicomotora, artes e criatividade” (BRASIL, 2009).

Delou (2014) faz um alerta acerca desse perfil passar despercebido nos espaços educacionais, pois são características qualitativamente diferentes do “ótimo aluno” idealizado pela escola:

Embora o perfil seja comum nas diversas salas de aulas

e a cultura popular aponte para uma expectativa de alunos com excelência escolar, não raramente, são alunos que se entediam na sala de aula pelos baixos níveis de ensino praticados, passando a demandar atendimento educacional especializado [...] (DELOU, 2014, p. 411).

No Brasil, muitos documentos oficiais acerca das altas habilidades/ superdotação têm como base as pesquisas do psicólogo norte-americano Joseph Renzulli, especialmente a Teoria dos Três Anéis:

Figura 1: Os três Anéis



Fonte: adaptado de Virgolim (2007)

1. Habilidade acima da média (em uma ou mais áreas do conhecimento):
[...] engloba a habilidade geral e a específica. A habilidade geral consiste na capacidade de utilizar o pensamento abstrato ao processar informação e de integrar experiências que resultem em respostas apropriadas e adaptáveis a novas situações. Em geral, essas habilidades são medidas em testes de aptidão e de inteligência, como raciocínio verbal e numérico, relações espaciais, memória e fluência verbal. Habilidades específicas consistem na habilidade de aplicar várias combinações das

habilidades gerais a uma ou mais áreas especializadas do conhecimento ou do desempenho humano, como dança, fotografia, liderança, matemática, composição musical, etc (VIRGOLIM, 2007, p. 36-37).

2. Envolvimento ou comprometimento com a tarefa:

[...] se refere à energia que o indivíduo investe em uma área específica de desempenho e que pode ser traduzido em termos como perseverança, paciência, autoconfiança e crença na própria habilidade de desenvolver um trabalho. Trata-se de um ingrediente muito presente naqueles indivíduos que se destacam por sua produção criativa (VIRGOLIM, 2007, p. 37).

3. Criatividade:

[...] apontada como um dos determinantes na personalidade dos indivíduos que se destacam em alguma área do saber humano. No entanto, como é difícil de se medir a criatividade por meio de testes fidedignos e válidos, tem sido proposta a utilização de métodos alternativos em adição aos testes, como a análise dos produtos criativos e auto-relatos dos estudantes (Hocevar & Bachelor, 1989; Reis, 1981). No entanto, torna-se um desafio determinar os fatores que levariam o indivíduo a usar seus recursos intelectuais, motivacionais e criativos de forma em produtos de nível superior ou em comportamentos de Superdotação (VIRGOLIM, 2007, p. 37).

Renzulli (2004 *apud* VIRGOLIM, 2007) diferencia dois grandes grupos de superdotados: acadêmico-intelectual, que neste material ele denomina também de “superdotação escolar” e criativo-produtivo. O primeiro grupo contempla alunos mais “consumidores” de informação, são natos seguidores de regras, com elevado senso de justiça para as questões de ordens sociais, políticas ou outras.

A superdotação escolar pode também ser chamada de “habilidade do teste ou da aprendizagem da lição”, pois é o tipo mais facilmente identificado pelos testes de QI para a entrada nos programas especiais. Como as habilidades medidas nos testes de QI são as mesmas exigidas nas

situações de aprendizagem escolar, o aluno com alto QI também tira boas notas na escola. A ênfase neste tipo de habilidade recai sobre os processos de aprendizagem dedutiva, treinamento estruturado nos processos de pensamento, e aquisição, estoque e recuperação da informação (VIRGOLIM, 2007, p. 43).

A superdotação criativo-produtiva compreende muitos aspectos que a escola tida como tradicional dificilmente irá contemplar: habilidades artísticas muito acima da média e desempenho de alta performance nos esportes. Somada aos traços da personalidade e comportamento da criança, poderá acarretar desajustes em relação à disciplina (correção), igualmente aos superdotados do primeiro grupo, possuem senso de justiça aguçado, mais propensos a questionarem as regras e não segui-las, caso entendam como descabidas:

A superdotação criativo-produtiva implica o desenvolvimento de materiais e produtos originais; aqui, a ênfase é colocada no uso e aplicação da informação – conteúdo – e processos de pensamento de forma integrada, indutiva, e orientada para os problemas reais. O aluno, nesta abordagem, é visto como um “aprendiz em primeira-mão”, no sentido de que ele trabalha nos problemas que têm relevância para ele e são considerados desafiadores (VIRGOLIM, 2007, p. 43).

Pérez (2003, 2004, 2008) com vasta produção científica na área das altas habilidades/superdotação, tem vários artigos sobre os mitos que envolvem este fenômeno. Baseado em Pérez (2003), no qual a autora apresenta e discorre sobre os mitos e as dimensões, elaborei uma lista para favorecer a visualização:

Quadro 1: Mitos (A-G) e Dimensões (1-30) sobre a Superdotação

(continua)

A. Constituição
1. Exclusivamente genética
2. Exclusivamente pelo estímulo ambiental
3. Pais organizadores (condutores)
4. Egoística e solitária
5. “Metida”, “sabichona”, “exibida”, “nerd”, “CDF”
6. Fisicamente frágeis, socialmente ineptas e com interesses estreitos
7. Se destaca em todas as áreas de desenvolvimento humano. Superdotação Global
8. Tudo é fácil para a pessoa
9. Se auto-educam, não precisam de ninguém
B. Distribuição
10. Basta estimular e “fabricar” crianças com AH
11. A incidência das AH na população é muito pequena
12. Existem mais homens do que mulheres com AH
13. Provêm de classes socioeconômicas privilegiadas
C. Identificação
14. Fomenta a rotulação
15. Fomenta atitudes negativas na pessoa com AH
16. Não se deve identificar a criança com AH
17. Não se deve comunicar à criança que ela tem AH
D. Níveis ou graus de inteligência
18. É apenas aquela que tem um QI excepcional
19. Talentosa, mas não tem AH
20. Inteligentes e criativas na mesma proporção
E. Desempenho
21. Se destaca em todas as áreas do currículo escolar. É aluno nota 10 em tudo
F. Consequências
22. Desenvolve doenças mentais (AH linguísticas ou lógico-matemáticas)
23. O QI se mantém estável durante toda a vida

(conclusão)

24. É propensa ao desajustamento social e instabilidade emocional
25. Crianças com AH serão adultos eminentes
G. Atendimento
26. Não precisam de atendimento educacional [especial]
27. O atendimento especial fomenta a criação de uma elite
28. Devem ir a escolas especiais
29. A aceleração é a abordagem de atendimento mais correta para os alunos c/ AH
30. Não se deve incentivar o agrupamento de crianças com AH

Fonte: adaptado de Pérez (2003)

As dimensões demonstram como os mitos podem se manifestar. A produção de pesquisas acadêmico-científicas na área e a difusão dos resultados dessas pesquisas precisam alcançar os ambientes educacionais e outros setores da sociedade para favorecer a urgente desconstrução desses mitos e as dimensões em que se manifestam. Concomitantemente, os profissionais da educação, psicologia e outras áreas, junto com os superdotados poderão favorecer que as novas histórias de identificação e desenvolvimento dos potenciais e talentos sejam mais adequadas.

Como está posto nos mitos e dimensões, altas habilidades/superdotação não é uma questão exclusivamente genética ou exclusivamente ambiental; é mito acreditar que a pessoa superdotada tem alto desempenho em todas as áreas do conhecimento; é mito de que terão, necessariamente, sucesso pessoal e profissional e que não precisam de atendimento especializado.

A baixa identificação de meninas e mulheres nas altas habilidades/superdotação pode ser resultado da visão extremamente machista da sociedade. Meninas e mulheres são impedidas de demonstrarem e/ou aprimorarem seus potenciais e talentos, especialmente em áreas tidas como masculinas (dentro da visão machista). Assim sendo, os mecanismos dessa visão machista, não permite que as mulheres alcancem patamares e lugares de destaque, para configurar em estatísticas de identificação e atendimento educacional especializado.

Portanto, programas que possibilitam as meninas terem o devido acesso à Ciência, Engenharias e outras áreas são mais que bem-vindos, são

necessários para a visão machista perder força, cuja lógica e argumentos não se sustentam, para que as mulheres superdotadas tenham visibilidade.

Para reconhecermos e identificarmos crianças, jovens adultos e idosos superdotados, precisamos também ampliar o conceito e entendimento acerca da “inteligência”, iniciando pelo aspecto “singular” da palavra. A inteligência é diversa e fluida. Aquilo que conhecemos como “teste de inteligência”, com resultados quantitativos (quociente de inteligência – Q.I.) é um teste que retrata aquele período específico em que foi aplicado e “mede” um tipo específico de inteligência e não todas as inteligências.

Gardner (1995) apresenta nove tipos, as quais ele denominou Inteligências Múltiplas:

- 1. Lógico-matemática:** capacidade de realizar operações numéricas e de fazer deduções.
- 2. Linguística:** habilidade de aprender idiomas e de usar a fala e a escrita para atingir objetivos.
- 3. Espacial:** disposição para reconhecer e manipular situações que envolvam apreensões visuais.
- 4. Físico-cinestésica:** potencial para usar o corpo com o fim de resolver problemas ou fabricar produtos.
- 5. Interpessoal:** capacidade de entender as intenções e os desejos dos outros e conseqüentemente de se relacionar bem em sociedade.
- 6. Intrapessoal:** inclinação para se conhecer e usar o entendimento de si mesmo para alcançar certos fins.
- 7. Musical:** aptidão para tocar, apreciar e compor padrões musicais.
- 8. Naturalista:** reconhecer e classificar espécies da natureza.
- 9. Existencial:** refletir sobre questões fundamentais da vida humana.

Por tratar-se um fenômeno essencialmente da cognição, vinculamos as altas habilidades/superdotação somente às questões da(s) inteligência(s). Porém, a ele se associam outros aspectos, por exemplo, o aspecto afetivo/emocional envolvido com a aprendizagem de modo geral e também ao desenvolvimento da personalidade.

Pode-se afirmar que a cognição e a afetividade nascem simultaneamente ou que geram uma à outra. Ao pensar na afetividade, nos vêm à mente palavras como emoção e sentimento. Destas múltiplas convergências (Barros de Oliveira, 1991) é possível deduzir que as construções cognitivas sejam a causa da aceleração ou do retardo do desenvolvimento cognitivo, mas os mecanismos afetivo-cognitivos permanecem sempre indissociáveis, ainda que distintos, assim como os mecanismos da criatividade (METTRAU, 2013, p. 33-34).

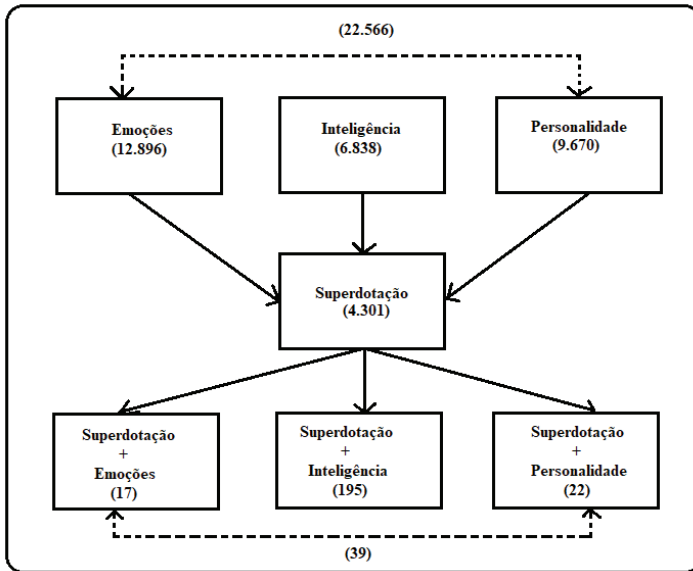
Ainda segundo Mettrau (2013), o aspecto emocional para a aprendizagem é muito importante:

A vida afetiva, tal como a vida intelectual, corresponde a adaptação contínua e estas adaptações são ‘paralelas e interdependentes’, donde os sentimentos exprimem os interesses e valores das ações cuja estrutura é a inteligência (Barros de oliveira, 1991. Assim, as funções cognitivas abarcam aspectos diversos tais como: percepção, aprendizagem, conhecimento, pensamento, conceito, juízo, raciocínio, solução de problemas, etc. a afetividade e a motivação constituem o fator energético do comportamento sem o qual não é possível trabalhar bem e com prazer (METTRAU, 2013, p. 35).

Acerca do desenvolvimento da personalidade, o psicólogo e psiquiatra polonês Kazimiers Dabrowski elaborou a Teoria da Desintegração Positiva (TDP), uma perspectiva que não considera como patológico crises psicológicas ou desajustes mentais, pois a desintegração ocorre para elaborar uma nova estrutura psíquica.

Oliveira, Barbosa e Alencar (2017) apontam que a partir de 1979, a Teoria da Desintegração Positiva foi introduzida nas pesquisas de Altas Habilidades/Superdotação. Demonstram por meio da consulta na Base de Dados PsyclINFO que a inteligência é o aspecto mais investigado se comparada com os aspectos emocionais e de personalidade, nas altas habilidades/superdotação (FIGURA 2).

Figura 2: Estudos empíricos indexados na PsycINFO



Fonte: Oliveira, Barbosa e Alencar (2017, p. 1)

Acerca do desenvolvimento humano com base na TDP, Oliveira, Barbosa e Alencar (2017) afirmam que

O desenvolvimento humano, na perspectiva da TDP, não é dividido em estágios fixos, organizados por faixas etárias, mas sim de acordo com um *continuum* hierárquico de níveis, denominados multiníveis, ou seja, em uma progressão de um baixo e primitivo nível para um alto e avançado nível.

Os pressupostos da Teoria da Desintegração Positiva, de acordo com Neumann (2017):

Esta teoria está fundada nos pressupostos de que 1) a personalidade é estruturada, 2) o desenvolvimento psicológico acontece mediante a desintegração de um nível menor, intrapsíquico e, no lugar, surge um nível mais elevado e 3) o processo de transformação de um nível em outro é dirigido por fatores emocionais e cognitivos. A capacidade de desenvolvimento psicológico se baseia na intensa reação em várias áreas de funcionamento (NEUMANN, 2017, p. 16622).

Neumann (2017) aponta que na TDP, a intensidade das reações presentes no processo de desenvolvimento, Dabrowski as denominou de sobre-excitabilidades e as classificou em cinco tipos: 1. Emocional, 2. Imaginativa, 3. Intelectual, 4. Sensorial e 5. Psicomotora.

Oliveira, Barbosa e Alencar (2017) explicam a importância das sobre-excitabilidades no desenvolvimento humano, com base nas pesquisas do fundador da teoria:

Dabrowski (1972) apresentou os padrões de SE [sobre-excitabilidade] de forma hierarquizada, ou seja, alguns (Emocional, Imaginativo e Intelectual) são mais elevados que outros (Sensorial e Psicomotor) em relação ao processo de desenvolvimento humano. A SE Emocional é de fundamental importância na formação de uma hierarquia de valores, empatia, autoconsciência, entre outros dinamismos que desempenham um papel decisivo no desenvolvimento humano; a SE Imaginativa tem grande importância na criatividade artística, no planejamento intuitivo etc.; e a SE Intelectual dá origem à criatividade acadêmica e possibilita reflexão, autocontrole, autonomia e autenticidade (DABROWSKI, 1973) (OLIVEIRA, BARBOSA, ALENCAR, 2017, p. 4).

A Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial (ABPEE), responsável pela publicação da Revista Brasileira de Educação Especial, lançou um número especial sobre o tema “Altas Habilidades/ Superdotação: atendimento especializado” (PÉREZ ; FREITAS , 2012).

As autoras apresentam à comunidade científica a metodologia de criação de instrumentos – triagem, identificação, autonegação e nomeação por colegas – dos alunos com superdotação, questionários que podem ser preenchidos por professores, pois os testes psicométricos são de responsabilidade exclusiva dos psicólogos.

Para tanto, com base em diversas pesquisas, Pérez e Freitas (2012) explicitam as “características gerais das pessoas com Altas Habilidades/ Superdotação”, listadas abaixo:

Quadro 2: Características Internas e Externas nas Altas Habilidades/ Superdotação

CARACTERÍSTICAS INTERNAS – INTRÍNSECAS À PESSOA
<ul style="list-style-type: none">○ Precocidade e gosto pela leitura○ Interesses variados e diferenciados dos seus pares [das crianças da mesma faixa etária]○ Assincronismo: “[...] carência de sincronização nos ritmos de desenvolvimento intelectual, afetivo e motor em relação ao desenvolvimento considerado normal, costuma ocorrer em crianças com AH/SD”<ul style="list-style-type: none">▪ Assincronismo afetivo-intelectual▪ Assincronismo intelectual-psicomotor▪ Assincronismo da linguagem e do raciocínio
CARACTERÍSTICAS EXTERNAS – INTERAÇÃO COM O AMBIENTE
<ul style="list-style-type: none">○ Assincronismo criança-escola ou escolar-social○ Assincronismo nas relações familiares/assincronismo familiar○ Preferência por trabalhar/estudar sozinho○ Independência e autonomia○ Senso de humor desenvolvido○ Perfeccionismo○ Capacidade de observação muito elevada○ Liderança○ Gosto e preferência por jogos que exijam estratégias

Fonte: adaptado de Pérez e Freitas (2012)

A conceituação e caracterização das altas habilidades/superdotação, em linhas gerais, são aplicadas a todas as idades, porém, os comportamentos poderão ser diferentes conforme os ambientes: educacionais (em seus vários níveis); sociais; profissionais e suas múltiplas configurações para crianças, jovens, adultos e idosos. Com relação a outros adultos, Pérez (2008, p. 57) explica que

Em muitos aspectos, o desenvolvimento da PAH/SD [pessoa com altas habilidades/superdotação] adulta não difere do dos demais adultos; contudo, existem características particulares que constituem diferenciais significativos e podem interferir nesse desenvolvimento do adulto.

Nesse sentido, com objetivo de provocar a reflexão sobre as

pessoas com altas habilidades/superdotação, dentro do contexto da Ciência da Informação, com ênfase nos Estudos de Usuários, na próxima seção apresentarei aspectos do comportamento informacional de adultos superdotados.

3 COMPORTAMENTO INFORMACIONAL DE ADULTOS SUPERDOTADOS

A pesquisa que desenvolvi no doutorado teve como objetivo analisar a inserção da Competência Informacional no âmbito da escola de educação básica. Professores do ensino fundamental, nível I – foram convidados para participarem da pesquisa, com vistas a refletir modos de inserir a Competência Informacional nas atividades escolares, tendo as bibliotecas de suas escolas como espaços adequados para este fim (CONEGLIAN, 2013).

No mestrado, a pesquisa pautou-se no comportamento informacional de pós-graduandos surdos (CONEGLIAN, 2008), que utilizavam a Língua Brasileira de Sinais para se comunicarem. Portanto, uma pesquisa mais voltada para os Estudos de Usuários. Um dos apontamentos feitos, discutindo as bases teóricas da pesquisa foi

Investigar o comportamento humano frente à informação, ainda que mediados por sistemas informacionais e as mais diversas tecnologias, é preciso considerar diversos aspectos que interferem e/ou influenciam o comportamento, a partir da necessidade que motiva e desencadeia esse comportamento (CONEGLIAN, 2008, p. 48).

Com base em Hjørland⁴ (2002) acerca dos diferentes domínios do conhecimento, das diversas comunidades discursivas compostas por sujeitos distintos, compreendi que “o fator humano deve ser o carro-chefe nessa análise” (CONEGLIAN, 2008), ou seja, há aspectos divergentes e convergentes nos diferentes grupos que se propõe investigar Comportamento e Competência Informacional.

⁴ HJØRLAND, B. Domain analysis in information science: eleven approaches – traditional as well as innovative. **Journal of Documentation**, v. 58, n. 4, p. 422-462, 2002.

O corpus de dados para a presente pesquisa contou com a participação de 13 mulheres e cinco homens, perfazendo um total de 18 integrantes. Responderam voluntariamente o questionário em formulário eletrônico, disponibilizado nas redes sociais (outubro de 2020), em grupos fechados, de adultos com altas habilidades/Superdotação. Dos 18 respondentes, a pessoa mais nova tem 33 anos e a mais velha, 63. Os demais têm as seguintes idades: 34 (1), 35 (2), 37 (2), 39 (2), 40 (2), 41 (3), 42 (2), 55 (1) e 57 (1).

Os participantes responderam qual função ou atividade profissional exercem, com o propósito de verificar se atuam nas áreas em que são formados, pois, como veremos, a maioria dos participantes possuem mais de uma graduação e diversas pós-graduações. No Quadro 3 está listada as profissões exercidas pelos participantes, os quais são denominados pela sigla “Sd” (superdotado), com o acréscimo do número, para diferenciá-los:

Quadro 3: Profissões dos participantes

Sd01	Analista de Segurança da Informação
Sd02	Bancária
Sd03	Cirurgião-dentista e Professor
Sd04	Coach e Neuroeducadora
Sd05	Consultora na área de talento x genialidade
Sd06	Coordenador Técnico Tecnologia da Informação
Sd07	Dentista
Sd08	Oficial das Forças Armadas
Sd09	Professor de Inglês
Sd10	Professora da Educação Básica
Sd11	Professora do Ensino Superior
Sd12	Psicanalista
Sd13	
Sd14	Psicóloga (3)
Sd15	
Sd16	Servidora Pública Federal
Sd17	Supervisora Pedagógica
Sd18	Tradutora

O Professor de Inglês (Sd09) abandonou a graduação em Letras Português/Inglês; o coordenador técnico em Tecnologia da Informação (Sd06) está cursando o 4º período de Engenharia de Produção.

Podemos dividir os demais participantes, como demonstrado no Quadro 04, em dois grupos distintos: 1) Graduação e pós-graduação (*latu e/ou strictu sensu*) na mesma área, com seis integrantes e 2) Graduações diferentes e pós-graduações diferentes (*latu e/ou strictu sensu*), com dez integrantes (incluindo Sd02 e Sd08).

Quadro 4: Graduação e Pós-graduação

(continua)

Grupo 01: Graduação e pós-graduação na mesma área
Sd03: Cirurgião-dentista e professor – Graduação incompleta em Geografia. Graduação em Odontologia, Mestrado em Periodontologia, Doutorado em Microbiologia Bucal e Imunologia.
Sd07: Odontologia, Mestrado, especialização em cirurgia bucomaxiofacial, harmonização orofacial, e disfunção temporomandibular e dor orofacial.
Sd10: Professora de Educação Básica – Graduação incompleta em Engenharia Civil. Graduação em Pedagogia. Pós-graduação em Educação Especial, Educação Inclusiva, Altas Habilidades, Psicopedagogia, Neuropsicopedagogia, Mestrado em Educação, cursando pós-graduação em Neurociência Pedagógica.
Sd11: Professora do Ensino Superior - Graduação, Mestrado e Doutorado em Administração.
Sd12: Psicanalista – Graduação em Pedagogia. Especialização em Psicopedagogia. Formação em Psicanálise.
Sd13: Psicóloga – Licenciatura em Psicologia. Pós-graduanda em Psicologia Humanista Existencial Fenomenológica, diversos cursos de extensão e atualização em saúde mental, acolhimento ao luto, atendimentos de primeiros socorros psicológicos e manejo e atendimento clínico de tentativas de suicídio.
Grupo 02: Graduações diferentes e pós-graduações diferentes
Sp01: Analista de Sistema de Segurança - Graduado em Jornalismo. Especialização incompleta em <i>Machine Learning</i> .

(conclusão)

Sd04: Coach e Neuroeducadora – Graduação Engenharia de Alimentos. Pós-graduação nas áreas de logística empresarial, engenharia de produção e qualidade, mas minha paixão por desenvolver pessoas está me levando para a área da neuroeducação, então recentemente conclui uma especialização em neuropsicopedagogia e iniciei a graduação em gerontologia e formações complementares nas áreas de educação especial e altas habilidades, no Brasil e fora.
Sd05: Consultora na área de talento e genialidade – Graduação em Letras Inglês/Português. Mestrado em Filosofia.
Sd14: Psicóloga – Graduação em Arquitetura e Urbanismo (1987). Pós-graduação em Gestão da Qualidade (1995), Pós-graduação em Administração (1997). Graduação em Psicologia (2017) todas completas. Incompleta: formação em psicologia transpessoal da escola Dinâmica Energética do Psiquismo (2003).
Sd15: Psicóloga – Primeira graduação em Psicologia. Segunda graduação em Filosofia. Entre Psicologia e Filosofia, fiz Mestrado em Educação. Tornei-me pesquisadora em educação especial e educação ambiental. No momento, faço minha formação para me tornar psicanalista.
Sd16: Servidora Pública Federal - Graduação em Relações Internacionais (2004-2008). Especialização EAD em Inteligência Estratégica (2009-2010). Mestrado (2011-2013) e Doutorado (2014-2018) em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional. Nova Graduação EAD em Ciência da Computação (2018-em andamento).
Sd17: Supervisora Pedagógica - Técnico em Enfermagem. Educação musical no Conservatório de Música inconcluso. Desisti do Superior em Enfermagem (pela localidade). Desisti de Letras (financeiro). Depois ganhei bolsa em pedagogia EAD em 2009 e assim consegui finalmente estudar. Sou especialista em educação especial e inclusiva, e coordenação pedagógica. Atualmente faço psicopedagogia clínica e institucional. E estou terminando o curso superior em Educação Especial.
Sd18: Tradutora - Formação Técnica em Música Clássica (piano). Diploma em Tradução do <i>Institute of Linguists</i> em Londres. Administração de Empresas.

Fonte: elaborado pelo autor

Dois últimos participantes – Sd02 e Sd08 – que não constam no quadro acima, exemplificam comportamentos mais extremos do sujeito superdotado e, portanto, mais evidentes. O primeiro, a participante relata que outras condições associadas à superdotação, bem como a

incompreensão das instituições onde estudava acerca das suas necessidades, foram responsáveis pelo percurso académico inconstante e inconclusivo:

Abandonei sete graduações, todas em áreas diferentes. A 1ª por ter TDAH não diagnosticado junto com as altas habilidades, ainda não identificada, e não ter repertório pessoal o sistema de apoio pra lidar com toda essa complexidade. a 2ª por ter me mudado de cidade. As demais por não me adaptar mais ao sistema de ensino, sem o suporte necessário quando à distância e com interferências demais no presencial, como superestimulação sensorial, ter que disfarçar as altas habilidades, não poder direcionar a hiperatividade mental de forma produtiva dentro de sala de aula, e falta de adaptações por recusa ou desconhecimento da instituição - teve um caso que foi recusa mesmo, não se dignaram a ler o programa proposto nem a fundamentação (Sd02 – Bancária).

○ participante Sd08 – Oficial das Forças Armadas, igualmente à Sd02, também passou por muitos cursos, como o próprio indica, somente os dois últimos cursos não concluídos:

Graduações: 1. Ciências militares, 2. Teologia (curso livre), 3. Ciências Sociais, 4. Teologia (com reconhecimento), 5. Pedagogia. Especializações: 1. Ética, valores e cidadania na escola, 2. Planejamento, Implementação e Gestão da EAD, 3. Formação de Professores para o Ensino Superior, 4. Psicopedagogia, 5. Educação Inclusiva. 6. Atendimento Educacional Especializado, 7. AH/SD⁵ (cursando). 8. Teologia (cursando). Iniciados e não concluídos: Graduação em Adm. Pública (2 sem.). Mestrado profissional em Educação (2 sem.). Normalmente, cursando mais de um curso ao mesmo tempo.

○ questionário também objetivou resgatar o modo como utilizavam os serviços das bibliotecas, para produzirem os trabalhos académicos – artigos, trabalhos de conclusão de curso, monografias, dissertações, teses, outros. “Você utilizou a biblioteca da instituição a qual estava vinculado? Utilizava o sistema de busca de modo independente? O bibliotecário ou

⁵ Altas Habilidades/Superdotação

outra pessoa te ajudou nas primeiras buscas”.

Unanimemente, 15 participantes disseram explicitamente usar a biblioteca:

“Utilizei bastante a biblioteca” (Sd01); “Sempre que tive acesso a bibliotecas físicas eu usei e abusei delas” (Sd02); “No mestrado cheguei a utilizar o Comut, e biblioteca da faculdade no primeiro ano” (Sd03); “Sim, tive o privilégio de poder acessar uma biblioteca de 100 mil livros” (Sd05); “Sim, utilizava sempre as bibliotecas” (Sd08); “Usava a biblioteca da instituição” (Sd09); “Para a monografia da graduação em pedagogia e na iniciação científica utilizei a biblioteca” (Sd10); “Na [graduação em] psicologia, utilizei a biblioteca da instituição” (Sd15).

A questão sobre a autonomia no uso, dois participantes indicaram que precisavam de ajuda: “Usava a biblioteca da instituição com a ajuda dos profissionais” (Sd09) e “Sempre tinha dificuldade para me achar nas bibliotecas. O bibliotecário sempre tinha que me ajudar” (Sd18). Os outros participantes indicaram que precisaram uma única vez ou aprenderam de modo autônomo:

“Raramente pedia ajuda de alguém” (Sd01); “Difícilmente precisei de ajuda, acho que só na 1ª utilização, e aprendi bem rápido a fazer pesquisas” (Sd02); “A busca independente também é uma constante” (Sd05); “Sistema de busca de modo independente” (Sd06); “Depois da primeira explicação do uso do sistema de busca, sempre pesquisei sozinho por obras, autores, temas, etc” (Sd08); “não necessitei de auxílio do bibliotecário porque recebemos um treinamento de como usar o sistema de buscas e como localizar os livros” (Sd10); “Na maior parte do tempo meu uso foi independente” (Sd11); “Bibliotecários me ajudaram nas primeiras buscas, mas depois faço sozinha, sou bastante independente” (Sd14); “Raramente precisei de ajuda de bibliotecária(o), sempre fui bem independente neste sentido. Sempre gostei de aprender sozinho a achar o que precisava na biblioteca. Eu só pedi ajuda quando o livro não estava na prateleira por algum motivo e eu não o achava.” (Sd15); “Sempre usei de maneira independente o sistema de buscas da Biblioteca Central” (Sd16); “Utilizei

o sistema de busca de modo independente” (Sd17).

Os participantes também apontaram os modos pessoais que utilizavam a biblioteca ou outros serviços de informação, com destaque para Sd03, que demonstra conhecer bases de dados específicas e como utilizá-las de modo independente:

“Tinha o hábito de chegar horas antes das aulas para ficar lendo coisas diferentes na biblioteca. [...] Me deleitava em navegar por entre os livros a procura de material interessante (Sd01); “Gosto de surfar pelas prateleiras também. A utilização de bibliotecas virtuais fica meio prejudicada por causa da interface de leitura, mas também pesquisei muito artigo científico na internet” (Sd02); “no segundo [ano utilizava] o Pubmed, já no doutorado utilizei pesquisas apenas no Pubmed ou direto nas editoras (p.e. Elsevier, Science etc.), não entrei em bibliotecas” (Sd03); “Meu tutor no mestrado me ensinou a consultar e comprar em sebos. Uma experiência fantástica” (Sd05); “No mestrado usei pouco a biblioteca porque não tinha materiais que versava sobre meus temas” (Sd10); “sempre usei o Scielo e repositórios de teses e dissertações de universidades brasileiras, bem como periódicos especializados da França, Canadá e os das escolas de psicanálise brasileiras e europeias” (Sd12); “Utilizo sites de periódicos científicos. Os professores fizeram um pouco essa mediação” (Sd13); “[...] busquei artigos no Google Acadêmico. Na filosofia, comprei os livros que precisava e busquei alguns artigos também no Google Acadêmico. No mestrado, usei a biblioteca da instituição e busquei o que precisava no Google Acadêmico e revistas online da área” (Sd15).

Dois participantes demonstram em suas respostas comportamento típico dos superdotados, especialmente, aqueles com perfil acadêmico-intelectual:

“Costumava pegar livros no registro de algum amigo, pois pegava mais do que o limite individual no período. Ou, então, usava meus 2 registros de aluno, quando fazia 2 cursos simultâneos na mesma IES” (Sd08) e “Porém, não

gosto de ter que adivinhar ou descobrir como as coisas funcionam, porque para mim é perda de tempo. Então espero manuais, procedimentos, métodos definidos e claros para que o usuário consiga fazer o que almeja no menor tempo e maior qualidade” (Sd14).

A participante Sd07 – Dentista, foi a única que indicou não utilizar a biblioteca no período em que cursou as especializações e “não solicitei a ajuda de bibliotecário”. Na questão seguinte – “além do empréstimo de livros, conhece outros serviços oferecidos pelas bibliotecas?”, Sd07 respondeu: “Pesquisa de artigos. Obras raras. Utilizei o serviço de partituras musicais diversas vezes”.

Chama atenção, pois no Quadro 04, a participante está no Grupo 01, aquele que manteve a formação acadêmica da mesma área – graduação, especialização, mestrado (no caso específico, Odontologia) – surpreende o fato de que utilizou a biblioteca várias vezes para buscar partituras musicais, atividade de caráter mais cultural, de lazer ou *hobby*, levando em consideração a formação e atuação da participante.

Os demais participantes, a partir das suas respostas, foram divididos em dois grupos, conforme Quadro 05. O primeiro, no qual indicaram o uso de serviços mais gerais da biblioteca e o segundo com indicação de serviços mais específicos:

Quadro 5: Serviços gerais e específicos das bibliotecas indicados

(continua)

Serviços Gerais
Utilização de computadores, cabines de estudo, revistas e jornais... usei isso tudo (Sd02)
Nas bibliotecas europeias é muito comum o consultor gravar em pen drive, livros e reses completas, pois a maioria do acervo é digitalizado, além da permissão natural de xerocar, pagando valores irrisórios por folha xerocada sem regras. (Sd05)
Eles dão cursos, restauram livros, promovem leituras com autores e contação de histórias para crianças. Algumas bibliotecas fazem grupos de leitura (Sd10)

Acesso gratuito para nós a bases de publicações pagas, internet de boa qualidade, ambiente silencioso e com conforto térmico, conforto ergonômico no mobiliário. Em algumas universidades e institutos de pesquisa, cafeteria com café expresso, lanche e refeições de qualidade para a gente não ter que sair para a rua para comer ou tomar um suco (Sd14)
Conheço outros serviços oferecidos, como treinamentos, laboratório de acesso digital, cabines de áudio e vídeo para consultar material multimídia, clubes de leitura e exposições (Sd16)
Serviços Específicos
Nas bibliotecas que frequentava era possível agendar o uso de salas de estudos (Sd01)
Envio de artigos de revistas não digitalizadas (Sd03)
Orientação a autores de acordo com o tipo de pesquisa (Sd04)
Utilizei também bibliotecas virtuais e fiz pesquisas em livro no local, no caso de não haver exemplares para empréstimo. Esse último ponto dificultava as pesquisas, em geral, exigindo uma leitura muito dinâmica e anotações pontuais ou de ideias gerais (Sd08)
Acesso a bases de dados (Sd11)
Nas escolas onde trabalhei, havia reforço escolar, projetos literários (Sd17)

Fonte: elaborado pelo autor

Por fim, os participantes foram convidados a falar sobre o perfil do superdotado para os profissionais da informação e escrever como os centros de informação poderiam ser amigáveis às pessoas superdotadas.

As respostas foram divididas em três categorias: **A. Aspectos Ignorados:** pois não souberam ou não puderam responder; **B. Aspectos Logísticos:** relacionados à organização do acervo, aos prazos e quantidades de itens para empréstimos, ao atendimento e **C. Aspectos Pessoais:** mais intimistas, ou seja, o aspecto sentimental na relação com a biblioteca, os livros, o conhecimento, citando a especificidade do superdotado.

Na categoria “Aspectos Ignorados” com apenas dois participantes: “Desculpe, não sei responder isso nem mesmo para meus familiares” (Sd01), se referindo ao perfil da pessoa superdotada e a dentista musicista: “Não saberia informar. Prefiro fazer as buscas sozinha” (Sd07).

Para valorizar a participação desse primeiro grupo de superdotados adultos que se disponibilizaram a colaborar com a pesquisa, todas as respostas foram trazidas na íntegra e, por ser a última questão de caráter mais subjetivo, os participantes descreveram comportamentos, os quais considero relevante manter a integridade dos depoimentos, analisando-os e discutindo-os na sequência de cada categoria. Ainda é possível, por meio dos depoimentos, evidenciar a diversidade e ao mesmo tempo, as proximidades dos apontamentos para os profissionais da informação.

Quadro 6: Aspectos Logísticos

(continua)

(Sd03) Atualmente, deveria ser mais rápida, com acesso com QR code, pesquisa via celular. Atendimento online, preferencialmente com vídeo e individualizado. E nessa época de pandemia, garantias para diminuir risco de contaminação em caso de visitas presenciais.
(Sd05) Os profissionais da informação devem ter disposição para conhecer o conteúdo total com o qual trabalham, para poder prestar informação de excelente abrangência e ao mesmo tempo especialidade, atendendo o requerente.
(Sd06) Que se mantenha a organização dos assuntos, títulos, ano de publicação, e que o layout da disposição seja objetiva.
(Sd08) Processos de renovação de livros podem ser mais facilitados. Além disso, oferecer espaço confortável para pesquisas, bem como para espera, inclusive no caso de consultas em livros únicos ou locais. Ter boa vontade em disponibilizar essas obras, ainda que com recomendações de cuidado. Paciência para permitir ao aluno fazer suas consultas, sem interrupções do tipo “já terminou, está acabando?”. Tive uma experiência como essa, por isso, vale mencionar. Pela expertise do bibliotecário, as sugestões de obras de referência, dentro do assunto em pauta, creio que serão muito bem-vindas, quando for possível essa atenção.
(Sd10) Precisamos pegar uma maior quantidade de livros porque lemos vários ao mesmo tempo. Em alguns momentos vamos precisar de extensão do prazo do empréstimo. Em outros momentos precisamos de uma sala pra falar sozinhos com os livros. Nem sempre queremos fazer silêncio na biblioteca quando achamos o que queríamos, é aquele momento Eureka!

(Sd11) Nos acervos físicos e nos virtuais: deveriam ser cada vez mais amplos e multidisciplinares, com total liberdade para nossa visitação e permanência, prazos e quantidades mais flexíveis para empréstimos, disponibilidade para esclarecimento de d vidas quando e se questionarmos. Penso que seria isso...

(Sd15) Das vezes que precisei destes profissionais, fui sempre bem atendida. Mas acho que uma coisa simples que poderia ser feita   eles perguntarem se a gente quer mais alguma coisa ali no espaço. Na minha experiência, sempre o profissional s  localiza o que a gente pede e nem quer saber se estamos interessadas(os) em mais algo. Pode parecer algo até banal, mas acho que faz a diferença no atendimento ao público.

(Sd17) Que seja gentil com todas as pessoas, e indique livros quando elas precisarem e que seja leitor também e procure ter empatia.

(Sd18) No meu caso, se houvesse um sofá onde eu pudesse me deitar e ler, ler, ler, não sairia mais da biblioteca naquela época. Hoje é mais fácil adquirir material para o *kindle*, por exemplo.

Fonte: elaborado pelo autor

Os aspectos logísticos também demonstram características dos aspectos pessoais, quando os participantes Sd10 e Sd11 pedem maior flexibiliza o das datas e quantidades de itens para empréstimos, ou seja, querem emprestar mais livros do que é permitido, portanto, desejam um prazo mais estendido.   uma necessidade, como demonstrado por Sd08 que criou a estratégia de emprestar a carteirinha de colegas para sanar a necessidade de emprestar uma quantidade maior de livros permitida por usuários.

O participante Sd05 acredita que o bibliotecário precisa dominar todo o acervo pelo qual é responsável. Será possível? Afinal, há toda uma organiza o e logística do acervo, o tratamento das obras, as escolhas dos metadados, para constarem nos sistemas de buscas e oferecerem os melhores resultados para os usuários.

Entretanto, o usuário precisa entender o funcionamento dos sistemas de buscas, suas possibilidades para além da busca simples. Acredito que o comentário de Sd05 seja no sentido de desejar intera o com a pessoa e não com os robôs (motores de buscas).

Os participantes Sd08, Sd15 e Sd17 são mais diretos neste aspecto do contato com o atendente nas bibliotecas. Há superdotados que têm

uma característica de liderança mais aguçada e podem ser mais articulados com pessoas desconhecidas.

Porém, há aqueles com perfis mais tímidos, que terão dificuldades em se aproximar e se expressar. Ainda, aqueles cujo perfeccionismo ou peso de que “a pessoa superdotada sabe tudo”, dificulta ou impede demonstrar que não sabe o que fazer num ambiente com possibilidades tão vastas.

Conforme os dados de matrícula de alunos com superdotação no Ensino Superior em 2018 (1.486), é uma porcentagem pequena, por isso estão inseridos na Educação Especial, porém, são alunos presentes no dia a dia. Ressalto que são alunos que foram identificados em algum momento do processo escolar como superdotados e se declaram como superdotados no Ensino Superior.

A identificação pode ser realizada no Ensino Superior também, os Núcleos de Acessibilidade e Inclusão (NAI, NAC, NAPNE, etc) das universidades podem desenvolver programas de identificação e atendimento aos alunos superdotados – da própria instituição ou de outras. Uma dessas importantes iniciativas é descrita por Basso *et al.* (2020):

[...] o objetivo deste trabalho foi descrever o protocolo utilizado para identificar e avaliar estudantes de uma Universidade do Estado do Paraná, Brasil, realizado mediante o Programa de Evidências Globais de AH/SD (PEGAHSUS), o qual executa ações de identificação e de acompanhamento de universitários com indicativos de AH/SD (p. 456).

Quadro 7: Aspectos Pessoais

(continua)

(Sd02) Muita dificuldade de responder isso porque sempre considerei as bibliotecas meu habitat natural e navego bem nelas sozinha. A única coisa que me deixava triste era a biblioteca do colégio onde cursei da 4^a à 6^a séries porque ela ficava fechada, só a bibliotecária podia acessar os livros, o que além de limitar o acesso, dificultava o conhecimento do acervo. Acho que mais espaços de estudo individuais ou para grupos pequenos, com superfícies apagáveis dentro deles e isolados do ruído externo, poderiam ser uma vantagem, pois favorecem a concentração por longos períodos.

<p>(Sd04) Que o AH/SD tem, geralmente, a necessidade diante da busca de um tema, de ampliar ao máximo e aprofundar os conhecimentos. E que isto não tem haver com emergir apenas em autores da mesma área de conhecimento, mas múltiplas áreas de abordagem sobre o mesmo assunto. Pois ele passeia pela pluralidade do universo das coisas e não apenas no aprofundamento das minuciosidades do tema.</p>
<p>(Sd09) Diria para darem suporte respeitando a autonomia e curiosidade do indivíduo superdotado. Serem facilitadores das pesquisas.</p>
<p>(Sd12) Que precisamos de materiais mais específicos possíveis pra nossa pesquisa haja vista que nosso interesse por muitos temas podem gerar dispersão e procrastinação assim como perda de prazos</p>
<p>(Sd13) Meu filho é [superdotado], ele tem 12 anos hoje. Acredito que quando é o interesse a busca acontece de forma natural. Mas quando não, é necessário uma mediação, então acredito que esse profissional deva ter preparo para lidar com esse e outros públicos, onde é necessário estar mais disponível para o atendimento e também orientação quanto a sua busca.</p>
<p>(Sd14) Contratem profissionais superdotados para que eles nos atendam. É muito bom conversar com interlocutores semelhantes. E eles saberão o que fazer por nós. Você que não é superdotado, não tente inferir o que seria bom para nós, pois não vai dar certo. Precisamos de representatividade em todos os ambientes e setores da sociedade. “Nada sobre nós sem nós”.</p>
<p>(Sd16) Espaços como bibliotecas e museus fornecem importantes fontes de conhecimento para pessoas envolvidas com ensino e pesquisa. Para indivíduos e grupos com altas habilidades e superdotação (AHSD), podem representar lugares muito especiais onde pessoas nessa condição são rodeadas por recursos que matam sua imensa e intensa “sede de conhecimento”. Pessoas AHSD podem se sentir especialmente confortáveis em bibliotecas para se concentrar em atividades acadêmico-intelectuais (consultar obras, realizar estudos e pesquisas, escrever trabalhos, etc). Esses espaços podem ser mais amigáveis e favoráveis a todos os estudantes, pesquisadores ou professores (AHSD ou não) logo que ingressam na instituição à qual os espaços pertencem, por meio de iniciativas como visitas e treinamentos de curta duração fornecidos pela instituição. Pessoas AHSD do tipo acadêmico-intelectual aproveitariam melhor essas iniciativas se delas pudessem tomar conhecimento o quanto antes, com repercussões positivas em sua trajetória de estudos e pesquisas. As atividades oferecidas nesses espaços poderiam ser mais amplamente divulgadas em todos os setores da instituição à qual estão vinculados, sobretudo os ligados à área de AHSD.</p>

Fonte: elaborado pelo autor

Sd04 aponta que um tema pelo qual tem interesse pode ser abordado num aspecto multidimensional e deseja encontrar interlocutores para esse diálogo de múltiplas possibilidades, assim como Sd05 declarou que o profissional da biblioteca precisa ter abrangência e especificidade de conhecimento do acervo para atender o requerente. Enquanto Sd12, consciente dessa característica de interesses múltiplos, deseja que o profissional a direcione para a especificidade do tema, pois do contrário terá como consequências indesejáveis a dispersão, procrastinação e perdas de prazos.

Ao trazer para essa análise e discussão aspectos dos programas para o desenvolvimento da Competência Informacional, por meio dos Estudos de Usuários, cujo objetivo final – da Competência Informacional, é que o sujeito “aprenda a aprender” e tenha a autonomia para seguir como aprendiz ao longo da vida, é uma característica encontrada em muitos superdotados: o interesse natural em conhecer, descobrir, relacionar, acaba desenvolvendo um estilo de aprendizagem mais independente.

Sd13 cita o filho de 12 anos também superdotado “quando é o interesse a busca acontece de forma natural”, caso contrário, ela cita a importância da mediação do profissional. O que deve fazer o profissional? O mínimo para começar, é saber que existe a comunidade discursiva dos superdotados e muitos nem se descobriram como superdotados – ainda que seja provável o sentimento de inadequação constante.

Os profissionais – da Educação, Psicologia, Informação – por meio do conhecimento, leituras, cursos de formação, contatos, cultivar a sensibilidade para os sujeitos com potenciais elevados, comprometidos com a tarefa (seja a tarefa acadêmica ou de outra natureza), mais o tempero da criatividade em menor ou maior intensidade, quase sempre na invisibilidade.

Sd14 faz um pedido especial: “contratem profissionais superdotados [...] É muito bom conversar com interlocutores semelhantes. E eles saberão o que fazer por nós [...] ‘Nada sobre nós sem nós’”. Sobre as bibliotecas, Sd16 diz que “podem representar lugares muito especiais onde pessoas nessa condição são rodeadas por recursos que matam sua imensa e intensa ‘sede de conhecimento’”.

Centros informacionais e bibliotecas podem e devem ser valorizados

por todas as pessoas, é sabida sua relevância para a sociedade, até mesmo no imaginário coletivo daqueles que não podem ou simplesmente não utilizam ou não frequentam esses “lugares especiais”, quanto mais para quem tem “sede de conhecimento”.

Os Estudos de Usuários e programas de desenvolvimento da Competência Informacional podem, inclusive, colaborar qualitativamente no processo de identificação dos alunos superdotados. Há propostas voltadas para a iniciação científica na Educação Básica – fazer pesquisa séria, conforme aponta Bagno (2000), desde tenra idade, a utilizar bases de dados, em bibliotecas físicas e virtuais, como escrever projetos de pesquisa, desenvolver a pesquisa e apresentar os resultados. Todos esses elementos podem estar presentes no atendimento educacional especializado dos alunos superdotados na Educação Básica.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A guisa de conclusão, preciso fazer referência a um verso que utilizei no último capítulo da minha tese de doutorado, concluído em março de 2013: “[...] não quero fome nem queijo. Quero a fome” (último verso do poema “Tempo” de Adélia Prado).

Em 2002, Rubem Alves escreveu “A arte de produzir fome”, em sua coluna na Folha. Começou assim: “Adélia Prado me ensina pedagogia. Diz ela: ‘não quero faca nem queijo; quero a fome’. O comer não começa com o queijo. O comer começa na fome de comer queijo. Se não tenho fome é inútil ter queijo”.

Minha trajetória escolar e acadêmica foi guiada e movida por essa fome, uma fome constante, saciada aqui, mas logo renascida ali. Somente aos 37 anos de idade (2018), depois de passar por um processo de avaliação psicoeducacional, realizado por uma psicóloga, entendi minha condição de superdotado.

De modo geral, o superdotado não precisa “querer a fome”, a fome é nossa condição natural. Rubem Alves escreve que “A verdadeira cozinha é aquela que sabe a arte de produzir fome...” e

Toda experiência de aprendizagem se inicia com uma experiência afetiva. É a fome que põe em funcionamento o aparelho pensador. Fome é afeto. O pensamento

nasce do afeto, nasce da fome. Não confundir afeto com beijinhos e carinhos. Afeto, do latim “*affetare*”, quer dizer “ir atrás”. É o movimento da alma na busca do objeto de sua fome. É o Eros platônico, a fome que faz a alma voar em busca do fruto sonhado (ALVES, 2002).

Rubem Alves diz que o professor deve fazer o mesmo que a cozinheira: “antes de dar faca e queijo ao aluno, provocar a fome...”. A mesma tarefa do bibliotecário e de todo mediador de conhecimento é saber provocar a fome e quando a fome já está ali, oferecer ótimas opções de cardápio ou meios para o próprio “esfomeado” preparar seu banquete – perfil criativo-produtivo, por exemplo.

Depois da Educação Infantil, Educação Básica, Educação Profissional (Técnico em Contabilidade), iniciado e desistido do Técnico em Administração, Ensino Superior (Pedagogia com habilitação em Deficiência Auditiva), iniciado e desistido da habilitação em Deficiência Visual, Mestrado e Doutorado em Ciência da Informação – um zumbi acadêmico, uma auto referência (CONEGLIAN, 2020, p. 35). Atuo como professor de Língua Brasileira de Sinais – Libras, no Ensino Superior, há 12 anos em pelo menos três instituições diferentes. Os relatos apresentados neste capítulo representam a minha trajetória escolar, acadêmica profissional e pessoal.

As bibliotecas fizeram parte da minha formação desde a 2ª. série do ensino fundamental, biblioteca escolar do SESI. No ensino médio, em escola estadual pública, a biblioteca existia, porém, sem bibliotecário e sempre fechada. Na graduação, utilizava somente para empréstimos de livros e seus espaços para trabalhos e reuniões em grupo. Para o Trabalho de Conclusão de Curso, no último ano, agendei orientação com a bibliotecária de referência – a querida Luzinete. Guardo aqueles trinta minutos como uma memória afetiva onde aprendi a fazer referência de livros, capítulos de livros, artigos.

Somente na pós-graduação, a partir mestrado na Ciência da Informação fui apresentado ao multiverso da biblioteca: COMUT, operadores booleanos, base de dados específicas para as áreas, Classificação Decimal de Dewey, metadados, tesouro, indexação, mediação, Estudos de Usuários, comportamento e competência informacional...

Há tanto para conhecer e realizar! Convido-os a conhecer mais sobre altas habilidades/superdotação. Estamos em tantas áreas, famintos e alguns provavelmente sendo mal alimentados. Os superdotados estão nas escolas, muitos entediados com o “cardápio”. Muitas dessas escolas sem bibliotecas e sem bibliotecários. Quando há, os alunos de modo geral não encontram sentido em frequentá-la e usufruir de seus serviços e possibilidades.

REFERÊNCIAS

ALVES, R. A arte de produzir fome. **Folha**, São Paulo, 29 out. 2002 [Sinapse].

BAGNO, M. **Pesquisa na escola**: o que é, como se faz. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

BASSO, Eduarda *et al.* Identificação de Estudantes com Altas Habilidades/Superdotação no Ensino Superior1. **Rev. bras. educ. espec.**, Bauru, v. 26, n. 3, p. 453-464, jul. 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382020000300453&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 30 nov. 2020.

BRASIL. **Lei nº 12796, de 04 de abril de 2013**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2013. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12796.htm. Acesso em: 20 out. 2020.

BRASIL. **Resolução Nº. 4, de 2 de outubro de 2009**. Institui Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial. Brasília: Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica, 2009.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Censo da Educação Básica 2018**: Resumo Técnico. Brasília, 2019a.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Censo da Educação Superior 2018**: Divulgação dos

Resultados. Brasília, 2019b.

CONEGLIAN, A. L. O. **Análise do comportamento informacional de pós-graduandos surdos**: subsídios teórico-práticos para a organização e representação do conhecimento. 2008, 165 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2008.

CONEGLIAN, A. L. O. **Inserção da competência em informação em documentos prescritivos e normativos e a prática de professores do ensino fundamental – ciclo I, na cidade de Marília-SP**. 2013, 166 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2013.

CONEGLIAN, A. L. O. **Cartas do menino do quarto para o mundo**. Guarapuava: Editora Apprehedere, 2020.

DELOU, M. C. C. Plano de atendimento educacional especializado integrado ao plano individual de ensino com vistas à aceleração de estudos: sugestão adaptada do modelo de Joseph Renzulli. In: VIRGOLIM, A. M. R.; KONKIEWITZ, E. C. (orgs.). **Altas habilidades/superdotação, inteligência e criatividade**: uma visão multidisciplinar. Campinas: Papirus, 2014. p. 411-426.

GARDNER, H. **Inteligências múltiplas**: a teoria na prática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

HJØRLAND, B. Domain analysis in information science: eleven approaches – traditional as well as innovative. **Journal of Documentation**, v. 58, n. 4, p. 422-462, 2002.

MARTINS, B. A.; PEDRO, K. M.; OGEDA, C. M. M. Altas habilidades/superdotação: o que dizem as pesquisas sobre estas crianças invisíveis? **Psicol. Esc. Educ.**, Maringá, v. 20, n. 3, p. 561-568, 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572016000300561&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 09 set. 2020.

METTRAU, M. B. **O funcionamento inteligente de adultos com altas habilidades**. Curitiba: Appris, 2013.

NEUMANN, P. 'O que tem de errado comigo?': empatia, autonomia e

aprendizagem nas altas habilidades/superdotação a partir de Dabrowski. *In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 13. 2017, Curitiba. Anais [...]. Curitiba: EDUCERE, 2017. p. 16.620-16.636.*

OLIVEIRA, J. C. de; BARBOSA, A. J. G.; ALENCAR, E. M. L. S. Contribuições da Teoria da Desintegração Positiva para a Área de Superdotação. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 33, e3332, 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722017000100302&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 30 out. 2020.

OLIVEIRA, A. P.; RODRIGUES, O. M. P. R.; CAPELLINI, V. L. M. F. Altas habilidades/superdotação no ensino superior: análise de dissertações e teses brasileiras. **Psicol. Esc. Educ.**, Maringá, v. 24, e193985, 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572020000100318&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 nov. 2020.

PEDRO, K. M. **Estudo comparativo entre nativos digitais sem e com precocidade e comportamento dotado**. 2016. 254 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, 2016.

PEDRO, K. M.; CHACON, M. C. M. Competências Digitais e Superdotação: uma Análise Comparativa sobre a Utilização de Tecnologias. **Rev. bras. educ. espec.**, Marília, v. 23, n. 4, p. 517-530, 2017a. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382017000400517&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 05 nov. 2020.

PEDRO, K. M.; CHACON, M. C. M. Pesquisas na internet: uma análise das competências digitais de estudantes precoces e/ou com comportamento dotado. **Educ. rev.**, Curitiba, n. 66, p. 227-240, 2017b. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602017000400227&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 14 out. 2020.

PEREZ, S. G. P. B. Mitos e crenças sobre as pessoas com altas habilidades: alguns aspectos que dificultam seu atendimento. **Cadernos de Educação Especial**, Santa Maria, v. 2, n. 22, p. 45-59, 2003.

PEREZ, S. G. P. B. **Gasparzinho vai à escola**: um estudo sobre as

características do aluno com altas habilidades produtivo-criativo. 2004. 306 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

PEREZ, S. G. P. B. **Ser ou não ser, eis a questão:** o processo de construção da identidade na pessoa com altas habilidades/superdotação adulta. 2008. 230 f. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

PEREZ, S. G. P. B.; FREITAS, S. N. A mulher com altas habilidades/superdotação: à procura de uma identidade. **Rev. bras. educ. espec.**, Marília, v. 18, n. 4, p. 677-694, 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382012000400010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 30 out. 2020.

PRADO, A. **Poesia reunida.** Siciliano: São Paulo, 1999.

VIRGOLIM, A. M. R. **Altas habilidade/superdotação:** encorajando potenciais. Brasília: MEC/SEED, 2007.